

# Economistas consideram decisões incoerentes

**SÃO PAULO** — "O samba atravessou". A frase, dita ontem pela economista Lídia Goldenstein, resume o ponto de vista de outros economistas como Paulo Guedes e Luiz Carlos Mendonça a respeito das incoerências da atual política econômica.

Durante debate no Conselho Regional de Economia, os três defenderam a redução das taxas de juros, mas Guedes foi enfático ao afirmar que esse declínio não garantirá um efetivo crescimento da economia.

Lídia Goldenstein, economista do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), ressaltou que uma das incoerências da atual política econômica é o controle de preços, inoportuno em um momento de juros crescentes e de aumentos de custo para as empresas. Destacou a importância da redução das taxas de juros, tomando por base as contas da área pública: 42 por cento dos gastos totais do Governo correspondem hoje a juros. E, enquanto nos últimos anos houve uma queda real nas despesas de custeio e investimentos, os gastos com juros cresceram mais de mil por cento.



Paulo Guedes, Vice-Presidente do Instituto Brasileiro do Mercado de Capitais (Ibmec), considera uma posição romântica acreditar que o declínio dos juros possibilite a retomada do crescimento. Destacou que a taxa de investimentos no Brasil caiu de 26 por cento do Produto Interno Bruto (PIB) em 1975 para 14 por cento em 1984 "uma demonstração clara de que o País está afundando". Na sua opinião, o momento exige do Governo os ajustes que a sociedade já fez, através do achatamento salarial e da redução dos custos das empresas privadas.

— O que vemos no Brasil é o que ocorre

também no Chile, México e todos os outros países onde os governos são incompetentes para administrar suas próprias contas e nunca ouvem o que a sociedade quer. Na crise, toda a população se ajustou, mas o setor público continua sendo um transatlântico.

Para Guedes, a retomada do crescimento implica definições nas áreas de tecnologia e educação e lembrou que o Japão atingiu elevado grau de desenvolvimento porque destina 20 por cento de seu orçamento à educação. O economista defendeu a realização de uma reforma tributária e a desativação de grandes projetos como o nuclear e a segunda fase de Tucuruí, com a transferência desses recursos para áreas prioritárias como o Nordeste.

Luís Carlos Mendonça, Diretor da Corretora Planibanc, criticou a falta de coerência da atual política econômica que, a seu ver, segue os mesmos passos da adotada pelos governos autoritários. Embora acredite que os juros no Brasil precisam ser reais para estimular a formação de poupança, Mendonça destacou que agora as taxas ultrapassaram o limite do razoável e, dessa forma, só servem para transferir renda de devedores para credores, aumentando a distância — já grande — entre eles.